

'O pior é deixar acusações no ar'

FH diz que acusações não concluídas minam a crença na democracia

ENTREVISTA

Fernando Henrique

O presidente Fernando Henrique, referindo-se ao caso Eduardo Jorge, diz que "a acusação parada pela metade mina a crença na democracia" porque passa para a população a

sensação de que "tudo é podridão". Em entrevista transmitida ontem pela Globonews, FH criticou Eduardo Jorge por viajar num jatinho do ex-senador Estevão e reagiu à afirmação do ex-ministro Andrade Vieira de que houve sobra de campanha. Usou pa-

lavras como crime, irresponsabilidade e mentira ao falar do assunto. Disse que a economia melhora, mas os salários precisam aumentar. Para reduzir desigualdades, defendeu aumento do imposto de renda de pais que têm filhos em universidade pública.

Gustavo Miranda/28-07-00

Miriam Leitão

O GLOBO: Que avaliação o senhor faz da crise política provocada pelo caso Eduardo Jorge?

FERNANDO HENRIQUE CARDO-SO: Em primeiro lugar, não acho que seja uma crise política. Não houve problema no Congresso, os partidos estão apoiando o Governo com a mesma força. É uma crise de outra natureza. Tem a ver com ética, com moral. Sou uma pessoa ciosa do comportamento moral, que é a única coisa que não permito ver arranhada. E houve insinuações, contínuas, que se esboroaram porque não têm consistência.

• Que tipo de insinuação o atingiu?

FERNANDO HENRIQUE: A mim pessoalmente não, mas a pessoas que trabalharam muito próximas a mim, como o caso de Eduardo Jorge. Disseram que eles fizeram isto e aquilo. E não fizeram. Foi muito mais uma espécie de exacerbação dos fatos. Não havia nada que comprometesse o comportamento moral e ético do Governo. Se houvesse, seria mais grave do que uma crise política, porque comprometeria a credibilidade do Governo. Credibilidade é que permite se recuperar, se por acaso houver crise política. Os fatos precisam ser esclarecidos. Não podem tapados. Não sou favorável a se esconder, abafar. Não! Tem que se esclarecer.

• Em todas as crises que o senhor enfrentou há sempre uma coincidência: falta de clareza sobre a fronteira entre o público e o privado. Não está faltando regulamentação para se saber exatamente o que pode ou não fazer um alto funcionário que entra ou sai do Governo? Não tem que ficar claro o que é lobby?

FERNANDO HENRIQUE: Acho que sim. O vice-presidente apresentou no Congresso uma legislação a respeito do lobby. Sou a favor. Isto não esgota o problema. O pior é deixar no ar acusações. A mais indignante de todas foi o Dossiê Cayman. Aquilo foi uma farsa, e não se diz que foi uma farsa. Depois apareceram os casos dos ministros Greca e Elcio Álvares. Quando eles são derrubados, deixa-se a acusação no ar e não se fala mais no assunto.

• A culpa é de quem? Da imprensa? Da Procuradoria?

FERNANDO HENRIQUE: A imprensa não, ela está ecoando o debate. As instituições é que não estão funcionando. A pessoa atingida tem o direito de ver tudo apurado. Se for culpada, que vá para a cadeia. A insinuação, a acusação parada pela metade minam a crença na democracia. Dão a impressão de que todos são iguais e que tudo é uma podridão. Este sentimento eu tenho horror: de que é tudo igual, tudo uma porcaria.

• O que o Governo pretende fazer para que as coisas se esclareçam?

FERNANDO HENRIQUE: É preciso um código de ética dos funcionários com cargo de confiança, com quarentena, mas quarentena implica que o Governo pague ao funcionário. Se ele não for rico, como vai viver? Mais importante é a conduta moral mesmo, e não há lei que garanta isto. É preciso um debate mais claro para a sociedade para que se entenda o que pode e o que não pode. No lusco-fusco, quando se mistura certo com duvidoso, honesto com desonesto, aí fica muito difícil.

• Eduardo Jorge contou que andou no jatinho de Luiz Estevão até para viagens pessoais. Disse que eram gentilezas. Este é um caso que, no código de ética, seria proibido?

FERNANDO HENRIQUE: Não cabe aceitar gentilezas. Muito melhor é andar no jatinho da FAB do que aceitar favor de quem quer que seja.

• Presidente, Eduardo Jorge cuidava das suas contas pessoais?



FERNANDO HENRIQUE: "Se houve sobra de campanha e o dinheiro não foi para o partido é apropriação indébita"

"Não havia nada que comprometesse o comportamento moral e ético do Governo. Se houvesse, seria mais grave do que uma crise política, porque comprometeria a credibilidade."

"Quando se levanta a bandeira de pagar a universidade, os chamados progressistas dirão que queremos privatizar. Proponho cobrar mais IR de quem tem filho na universidade pública"

FERNANDO HENRIQUE: Quem cuida das minhas contas pessoais é minha filha Luciana. Há muito tempo. E todas as minhas contas são conjuntas com Ruth.

• O ex-ministro José Eduardo Andrade Vieira disse que sobram da campanha R\$ 130 milhões. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

FERNANDO HENRIQUE: É uma indignação. Se houve sobra de campanha e o dinheiro não foi para o partido, é apropriação indébita. E quem participa disso e sabe disso e não denuncia é criminoso. Ele participou da campanha, ajudou na campanha e perdeu o banco dele, porque eu separei as coisas. Entendo que ele esteja magoado. Mas entre estar magoado e mentir há uma diferença.

• O que o senhor pretende?

FERNANDO HENRIQUE: Se alguém diz que você recebe dinheiro para falar bem do Governo, o que você faz?

• Eu processo a pessoa.

FERNANDO HENRIQUE: Certo, mas ele não falou nada sobre mim. Ele fez uma afirmação vaga, uma irresponsabilidade. Vamos dizer: o que ele fez foi uma irresponsabilidade, uma leviandade. E leviandade não se pode levar a sério, tem que se desprezar e desmoralizar.

• Sua base política lhe deu apoio?

FERNANDO HENRIQUE: Totalmente. Ela percebeu que não têm solidez as acusações e que estavam sendo

usadas para campanha eleitoral.

• Esta retomada da economia é consistente?

FERNANDO HENRIQUE: Li recentemente a entrevista de Antonio Barros de Castro em que ele diz que o Brasil está entrando num período de crescimento. O que pode atrapalhar é a exportação, que está fraca, e a falta de inovação tecnológica. Já há uma capacitação científica importante no Brasil, temos que cuidar disto. Mas tem que haver uma recuperação de salário. Já houve uma pequena recuperação da renda e houve forte recuperação do emprego. A Pnad mostra que de 1998 para 1999 foram criados 1,7 milhão de postos de trabalho. Nestes últimos quatro meses foram criados mais de 500 mil empregos.

• A inflação está aumentando neste momento e ela é inimiga do salário. O que fazer?

FERNANDO HENRIQUE: Está aumentando neste momento, mas não é uma tendência. Não temos que estar com um sinal amarelo por causa da inflação. O problema agora é porque houve geadas e os preços da gasolina estão subindo de forma abusiva. Isso não pode continuar assim. Esse negócio do álcool é um escândalo, um aumento muito grande. O Governo vai atuar. Não será tabelamento. Temos que atuar contra os cartéis. Em qualquer economia do mundo, as leis de defesa do consumidor são medidas contra os cartéis.

• O problema é que a estrutura de atuação contra os cartéis é muito lenta. Agora, nesta emergência, o que o Governo vai fazer?

FERNANDO HENRIQUE: Vamos criar uma agência de defesa da concorrência em breve. Nesta emergência, há várias medidas que podem ser tomadas chegando até ao limite, como no caso aqui de Brasília, dos postos de gasolina, em que o Governo pode até impor preços.

• A sua popularidade subiu agora, mas, desde a desvalorização, sua popularidade não foi mais a mesma. Por quê?

FERNANDO HENRIQUE: Houve uma perda de renda da população. No ano passado, no começo do ano, o Brasil esteve realmente à beira de um colapso. A população pensou: o Governo, que prometeu isto, não fez. Nós passamos por uma crise fortíssima, mas passamos bem pela crise. Mas bem macroeconomicamente. O povo não achou isto não, ele quer é dinheiro no bolso. Quer saber do preço da gasolina, das tarifas. Com razão. Principalmente a classe média. Como disse o Sérgio Abranches na "Veja", mesmo com a crise, a população de baixa renda teve nos últimos anos aumento da renda. Nós seguramos a crise, mas a dúvida é legítima. Não adianta eu ficar aqui me debatendo contra o sentimento da população.

• Se a economia continuar melhorando a popularidade aumenta?

FERNANDO HENRIQUE: Não é automático, mas até surpreendeu a todos que, num momento de tanto titroteio, tenha melhorado. Isto não quer dizer que podemos ficar aqui de braços cruzados esperando que a economia vá bem. Temos que atuar na educação, na saúde, reduzindo juros da casa própria.

• O senhor chamou certa vez os juros altos de apropriação indébita. Eles caíram, mas permanecem altos, principalmente os juros bancários, ao consumidor.

FERNANDO HENRIQUE: O que o Governo está fazendo em termos de taxa básica não existe há quase 20 anos. Estão sendo liberados compulsório. A TJLP caiu. No setor agrícola as taxas caíram. Isso tudo aumentou muito a compra de tratores. O que falta? Falta cair para a taxa para o consumidor. Vai ter que baixar mais. Tem que aumentar a competição entre os bancos e a fiscalização tem que apertar. Temos que combater mais fortemente a ganância dos bancos.

• Na primeira entrevista que o senhor me concedeu há 16 anos, o senhor disse uma frase que vem repetindo: de que o Brasil não é um país pobre, é um país injusto. O senhor está no poder há quase seis anos e ele permanece injusto.

FERNANDO HENRIQUE: Mas é menos injusto. Isto não significa que devemos aceitar a situação existente. É menos injusto na educação, por exemplo. Hoje só 4% das crianças estão fora da escola. Isto significa que o analfabetismo tende a cair. Aumentou 57% a matrícula no ensino médio. Na saúde houve várias mudanças. No Nordeste os professores estão ganhando mais; R\$ 20 bilhões são distribuídos numa espécie de renda mínima.

• O Ipea continua mostrando que a maior parte dos gastos sociais vai para a classe média.

FERNANDO HENRIQUE: Menos do que antes. A pergunta certa é: está pior, igual ou melhorando?

• Mas a desigualdade continua imensa. Os indicadores sociais de negros e brancos são profundamente diferentes.

FERNANDO HENRIQUE: É verdade. São cinco séculos de opressão e esta consciência da desigualdade tem apenas 20 anos. Como se faz política de redução das desigualdades? Com educação e mecanismos diretos de transferência.

• O Ipea mostra que só os 20% mais ricos têm acesso à universidade pública.

FERNANDO HENRIQUE: Quando se levanta a bandeira de pagar a universidade, os chamados progressistas, que são atrasados, vão dizer que queremos privatizar. Não queremos. Eu tenho uma proposta de se cobrar um adicional no Imposto de Renda de quem tem filho na universidade pública. Mas isto é difícil passar porque, imediatamente, vem a gritaria dos atrasados que se pensam progressistas. Estes problemas são os reais do Brasil, mas para enfrentá-los tem que se acabar com alguns preconceitos. Não se pode ter uma aposentadoria pública com salário integral. Como a minha mesmo. Combatemos isto. Não quero que os velhinhos ricos ganhem bastante e os velhinhos pobres fiquem na miséria.

• Quem representa a continuidade do seu Governo: Malan, Paulo Renato, Serra, Tasso ou Covas?

FERNANDO HENRIQUE: Veja como tem gente boa. Tem o Jungmann também. Se você quer me perguntar sobre sucessão, digo que todos estes são bons. É preciso continuar o programa de mudanças. Eu represento uma aliança política de vários partidos, que tem um programa que deve continuar. ■